

ESTUDO SOBRE ROUPAS ÍNTIMAS FEMININAS: ERGONOMIA E SAÚDE

Júlia Carla de Queiroz¹, Maria Alice Vasconcelos Rocha²

Introdução

A indústria do vestuário é um dos setores com maior potencial de crescimento em termos de consumo mundial e a indústria da moda uma das que apresenta maior incremento de interesse para a maioria das sociedades. Mesmo em mercados considerados maduros, como nos países da Europa Ocidental, o uso de tendências de comportamento aliado ao ciclo de vida de produtos dá suporte para a expansão dessa indústria.

No entanto, um dos aspectos mais complexos tem sido definir os limites do que é a indústria da moda e do que é a indústria do vestuário. As expectativas dos consumidores e a gama de produtos no mercado parecem contribuir negativamente para essa distinção. Originalmente derivadas da indústria têxtil, a combinação de moda e vestuário criou um universo único e indissociável do ponto de vista do consumidor quando se investiga as roupas (ROCHA, 2007).

Nas últimas décadas, a roupa íntima, ou “roupa de baixo”, tem apresentado um significativo uso de elementos com valor de moda, se tornando, em muitos casos, mais uma opção para “roupa de cima”. Mas, vale salientar que a roupa íntima guarda uma relação de muita proximidade com o corpo e com os aspectos físicos e fisiológicos.

Para Rocha (1996), o vestuário íntimo feminino é aquele que se relaciona diretamente com o seu corpo, dando sustentação às mamas e protegendo a genitália. Por isto, essas peças devem estar adequadas às necessidades e ao corpo de cada usuária. A relação existente entre essas peças do vestuário e a mulher deveria ser completamente harmônica, mas alguns modelos ofertados no mercado parecem ser capazes de causar danos à saúde ou trazer alguns constrangimentos, como problemas posturais para mulheres de busto avantajado, ou expor partes íntimas num movimento brusco.

É nesse contexto que o conceito de Ergonomia se insere ao estudo, ou seja, como a ciência que estuda o relacionamento entre o homem e o seu trabalho, equipamento e ambiente, e particularmente, a aplicação dos conhecimentos de anatomia, fisiologia e psicologia na solução de problemas resultantes desse relacionamento (IIDA, 2005). Portanto, fazendo uso da definição de Martins (2008), que considera a

usabilidade como a interface capaz de tornar os produtos agradáveis e prazerosos, o estudo da roupa íntima feminina pode esclarecer muitos aspectos relacionados ao desenvolvimento de novos produtos.

Considerando que o produto de moda-vestuário é composto essencialmente por três pilares: a ergonomia, as tendências e a subjetividade, o estudo da relação entre usabilidade, estética, conforto e saúde, estão presentes neste trabalho.

Diante do exposto, o principal objetivo desta pesquisa é saber se o uso de peças íntimas por mulheres jovens, com idade entre 20 e 24 anos, tem trazido incômodo ou algum dano à saúde³ das usuárias, visando à elaboração de algumas recomendações no que se refere à ergonomia do produto tanto para as empresas de confecções quanto para as consumidoras na hora da compra.

Material e métodos

A realização deste trabalho foi iniciada com o levantamento bibliográfico acerca do tema em questão, visando o fornecimento de conceitos, teorias e variáveis auxiliares para a elaboração do questionário. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas com questões abertas e fechadas, num período de duas semanas entre estudantes solteiras, com escolaridade superior incompleta, tornando possível conhecer os aspectos observados durante o consumo, no sentido de uso, de uma peça íntima.

O questionário aplicado às mulheres era composto por 40 perguntas, dentre as quais 14 abertas e 26 fechadas, buscando coletar informações a respeito de elementos essenciais de uma roupa íntima.

É necessário salientar que as entrevistadas freqüentam uma universidade pública do Recife, e que por ser uma instituição de grande porte, é diversa no que se refere às origens das discentes, seus interesses, preferências e características corporais.

Com relação ao público-alvo escolhido sabe-se que a moda pode ser considerada como um fenômeno social que exerce grande influência sobre a camada populacional jovem, justificando assim o recorte amostral, visto que as mulheres jovens parecem estar sempre atentas a aspectos do consumo relacionados à beleza, estética, tendências, entre outros. Vale salientar que tais atitudes comportamentais independem de cor, sexo, raça/etnia, grupo social, poder aquisitivo, entre outros, mas que nessa

1. Graduanda de Economia Doméstica, Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE Email: julia.queiroz18@hotmail.com

2. Arquiteta, Mestre em Engenharia de Produção, Doutora em Design de Moda, Professora do Departamento de Ciências Domésticas, Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE, Email: modalice@elogica.com.br

3. Segundo o Ministério da Saúde (2009), saúde poder ser entendida como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doenças”.

faixa etária ganham destaque, principalmente pelo vigor físico ser mais evidente.

Resultados

A análise dos dados coletados através das entrevistas realizadas com mulheres jovens possibilitou alcançar alguns resultados que apontam questionamentos com relação à ergonomia de peças íntimas e seus efeitos sobre a saúde.

Quando foi perguntado com que frequência essas mulheres compram roupa íntima, a maioria respondeu que varia de um a seis meses e que na hora da compra optam por peças que apresentem durabilidade, confiabilidade e segurança.

Ao se perguntar o que elas procuram numa roupa íntima, todas responderam que buscam conforto e bem-estar o dia todo ao invés de sensualidade a toda hora, tendo a maioria afirmado observar o conforto de imediato quando compram uma roupa íntima.

Ao serem indagadas sobre alguma dificuldade em escolher roupa íntima, a maioria respondeu que ter dificuldades no que se refere a modelos. Como as mulheres pesquisadas são jovens com pouco desgaste corporal por ação do tempo, os requisitos funcionais como sustentar os seios e modelar o corpo foram menos significativos.

Para as entrevistadas que afirmaram ter dificuldades, o modelo e/ou o tamanho são os problemas mais frequentemente encontrados.

“Quanto à adequação ao corpo não encontro roupas íntimas que me sintam bem” (E10, 23 anos).

“As calcinhas são muito baixas e os sutiãs largos nas costas” (E11, 22 anos).

Quanto ao conforto relacionado ao uso, muitas das mulheres afirmaram não se lembrar que estão usando peça íntima, visto que compram sempre o mesmo modelo do conjunto. Com relação às queixas, a metade das mulheres lembra o desconforto da calcinha ou do sutiã e uma minoria lembra o desconforto do conjunto.

Ao se perguntar o que mais incomoda numa roupa íntima, a maioria das mulheres responderam apertado; enquanto a quase totalidade das entrevistadas afirmou comprar realmente o tamanho ideal ao seu corpo e

optarem pela numeração P, M ou G em detrimento ao padrão 38, 40, 42, 44, etc.

Uma pequena parcela das entrevistadas relatou que o uso de uma peça íntima causou problema à saúde.

“O sutiã machucou os seios porque tinha os ferrinhos (suporte metálico)” (E1, 23 anos).

“Uma calcinha certa vez me causou assadura na virilha e um sutiã me apertou muito as costelas” (E2, 24 anos).

“Peguei fungos por má higienização das peças” (E5, 22 anos).

“Tive alergia ao tecido” (E22, 22 anos).

“Por estar muito apertada deixou manchas na minha pele” (E24, 22 anos).

Vale ressaltar ainda a necessidade da análise do clima da região onde moram: se é quente, frio, seco, úmido e a adequação o tipo de tecido, modelo e/ou tamanho da roupa íntima que costumam usar; que pode não estar adequado ao seu corpo ou ao ambiente.

Finalmente, por meio de um questionário, foi possível detectar que há uma diversidade de queixas das mulheres jovens em relação às roupas íntimas ofertadas atualmente pelo mercado. Esse fato expõe uma fragilidade de opções oferecidas pelas confecções e ofertadas pelas lojas.

A pesquisa apresentou limitações, entre elas o reduzido tamanho da amostra, o que impede a generalização do estudo, e sugere que o tema seja objeto de futuras pesquisas mais aprofundadas.

Referências

- [1] IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 2005.
- [2] MARTINS, Suzana B. Ergonomia e Moda: repensando a segunda pele. In Pires, Doroteia. B. Design de Moda: olhares diversos. São Paulo: Estação das Leras, 2008.
- [3] MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde do trabalhador. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/area.cfm?id_area=928. Acesso em: 01 set 2009.
- [4] ROCHA, M.A.V.; BARBOSA FILHO, A.N. As relações entre a ergonomia e a indústria de confecção do vestuário. In: 4º Seminário de Modernização Tecnológica Periférica, 1996, Recife. Anais do 4º Seminário de Modernização Tecnológica Periférica. Recife: FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco – Instituto de Tropicologia, 1996.v.1.p. 73-90.
- [5] ROCHA, M. A. V. **Study of Consumer Clothing Behavior and its Relevance to Successful Fashion Product Development**. Tese de Doutorado em Design de Moda (PhD in Fashion Design). Rochester, Reino Unido: University College for the Creative Arts/ University of Kent, 2007.

